

Servos entre os pobres

Viv Grigg

Servos entre os pobres

Cristo nas favelas urbanas

TRADUÇÃO
Ehud Garcia



Editora Ultimato
Viçosa, MG

SERVOS ENTRE OS POBRES
Categoria: Liderança / Vida Cristã

Copyright © Viv Grigg, 1982
Traduzido do original em inglês *Companion to the Poor*
Edição em português devidamente autorizada pelo autor

Primeira edição: Agosto de 2008
Tradução: Ehud M. Garcia
Revisão: Heloisa Wey Neves Lima
Colaboração: Paula Mendes
Projeto gráfico, diagramação e capa: BC&C Comunicação e Design

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

G857s
2008
Grigg, Viv, 1950-
Servos entre os pobres / Viv Grigg ; tradução Ehud Garcia. — Viçosa,
MG : Ultimato, 2008.
288p.; 21cm.
Título original: *Companion to the Poor*
ISBN 978-85-7779-019-7
1. Evangelização. 2. Missionários leigos. 3. Deus – Justiça.I. Título.
CDD 22.ed. 269.2

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
EDITORA ULTIMATO LTDA.
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557
www.ultimato.com.br

Sumário

<i>Prefácio</i>	7
<i>Apresentação</i>	10
1. Uma cidade de contrastes.....	14
2. Nunca mais o mesmo	34
3. Os bem-aventurados pobres de Deus	44
4. Vivendo como pobre	66
5. Boas intenções não bastam.....	88
6. Ter ou não ter?.....	114
7. Ponto de ataque	127
8. Novo ministério, novo poder	144
9. Rompendo o círculo da pobreza	169
10. Sou eu o responsável por meu irmão?.....	193
11. Justiça para todos.....	218
12. A quem enviarei?	258
<i>Epílogo</i>	274
<i>Notas</i>	284

Prefácio

Em 1989, eu estava em Manila, nas Filipinas, por ocasião do Segundo Congresso Internacional de Evangelização Mundial — Lausanne II. Entre as várias opções de seminários, havia a chance de participar de um com o Viv Grigg. Não vacilei, pois queria conhecer mais de perto esse irmão que, através de sua literatura, me animara a viver mais perto dos pobres. Pela magnitude do congresso e admiração que sempre preservei por este seguidor de Jesus Cristo, achei que não teria mais lugar em seu seminário. Para minha agradável surpresa, a sala estava com menos de oito pessoas. Assim, o nosso seminário transformou-se num encontro de amigos engajados na luta comum em serviço aos pobres. Ficamos sentados num pequeno círculo, testemunhando nossas histórias de vida, compartilhando sentimentos, dores e desafios que cada um enfrentava em suas respectivas comunidades. A disposição das cadeiras e a dinâmica de nossas conversas deram a impressão, a duas pessoas que chegaram atrasadas, que estivessem entrando na sala errada. Qualquer um que chegasse dificilmente identificaria o líder do seminário.

A minha primeira impressão não foi diferente daquela da menina filipina que viu Viv Grigg pela primeira vez. Eu sabia que estava me encontrando com alguém parecido com o Jesus de Nazaré. Viv não falou muito; apenas facilitou, com discreta maestria, a participação dos amigos naquela reunião. As poucas frases que proferiu expressavam a mensagem do evangelho tatuada em sua vida cotidiana. Mais do que as palavras, a presença sinalizava candura e firmeza, simplicidade e reflexão profunda sobre as complexidades da vida. A confluência de todos esses elementos numa mesma pessoa me fazia lembrar a vida e o testemunho de Jesus Cristo, filho de Maria.

Pela distância e por minhas opções de vida naquela época, nunca imaginei que um dia eu seria convidado para prefaciar um livro do querido Viv Grigg. Já prefaciei com muita honra livros de vários amigos e amigas. Mas, neste caso, o meu coração foi invadido por especial honra e constrangimento — estou falando de alguém que sempre me provoca o sentimento de que ainda preciso aprender muito sobre o modelo encarnacional de Jesus Cristo — assim, sou desafiado e denunciado.

Espero que o mesmo aconteça com o leitor. Viv Grigg é daqueles servos de Deus que nos desafiam com o seu testemunho a aprofundar a nossa comunhão com Jesus Cristo. Suas experiências nos põem diante de uma maior fascinação e encantamento pelo Jesus Cristo de Nazaré.

Degustando as páginas de *Servos Entre os Pobres*, você compreenderá melhor o mundo virtuoso dos pobres. Entenderá, a partir de um olhar investigativo, a conjuntura injusta do nosso mundo e, conseqüentemente, o drama imposto pela injustiça aos pobres e empobrecidos. As evidências do chamado de Deus desafiando novas gerações estão em cada página deste livro. Depende de você perceber

e responder responsabilmente a esse chamado. Se você não deseja conhecer sinais relevantes do reino de Deus não leia este livro. Mas, se você quer ampliar suas percepções e seu compromisso com esse reino, então desfrute desta leitura debulhando cada frase, pinçando todas as fagulhas de vida e esperança na história de tantas crianças sofridas. Cada testemunho e cada detalhe aparentemente isolado encontram ressonância na vida de crianças bem perto de nossas casas. Desse modo, lendo e degustando, somos desafiados a radicalizar nossa vocação missionária em serviço ao reino de Deus.

Não é preciso muito esforço para fazer o melhor proveito de *Servos Entre os Pobres*.

— CARLOS QUEIROZ, diretor executivo da Visão Mundial

Apresentação

Antes de começar ...

Os autores em geral normalmente escrevem sobre sucessos. Esta não é a história de um sucesso, mas de uma luta: uma busca do conhecimento íntimo de um Deus oculto, que mesmo após ter sido encontrado ainda é procurado; uma luta em romper um discipulado culturalmente amarrado em direção a uma visão de discipulado com milhões de pobres urbanos na Ásia.

Profetas não têm sonhos somente. Têm uma compulsão interior para, inconscientemente, demonstrar suas profecias através de símbolos. Suas vidas tornam-se camafeus da verdade, afrescos talhados num cenário pernicioso. Tais entalhes tornam-se então parábolas escritas.

Esta história é de um camafeu moldado nos lugares mais tenebrosos da Ásia, onde estão os indesejados, os ignorantes, as favelas ilegais das cidades grandes.

Eu não poderia escrever um livro teórico e teológico visando mentes especulativas, pois o Deus que conheço não é teórico, nem um teólogo de ensino padronizado, como um escritor de livros. Ele é um Deus de ação, cujos pensamentos e palavras não podem ser divorciados de seu envolvimento com a história.

Foi esse Deus de justiça ativa, poder ativo, compaixão ativa, que caminhou no meio da pobreza, na pessoa de um frágil ser humano. E Deus quer retornar, não uma vez, mas centenas de vezes, nas vidas daqueles hesitantes filhos e filhas que confrontarão face a face os demônios da pobreza no nome do Senhor dos Exércitos.

Esta história foi escrita em meio a todos os fenômenos que acompanham uma igreja fragmentada. Pois um reavivamento tem feito crescer a maioria das igrejas na Nova Zelândia, meu país natal, durante as últimas décadas. Do reavivamento têm-se levantado missões. A questão na mente de muitos líderes cristãos é: “Será que este impulso motivará um ministério eficaz?” Centenas de jovens foram despertados. Infelizmente, muitos estão recebendo treinamento por curto período, destruindo anos de vida com traumas de tarefas imediatas, com supervisão e estrutura inadequadas.

Servos Entre os Pobres foi escrito com o desejo de envolver tais homens e mulheres em uma missão produtiva, de longo prazo, para alcançar os campos ainda não atingidos das favelas da Ásia. O Senhor já levantou uma primeira leva de obreiros, comprometidos com estilos de vida de simplicidade voluntária e ministério prático no meio dos pobres. Que estas páginas possam motivar uma segunda leva de missões a reenfocar seus ministérios nesta nova área de necessidade, escapando à armadilha de estratégias antigas que enfatizaram ministério rural em detrimento de milhões nas grandes metrópoles urbanas, que caminham sem a Palavra de Deus.

O povo favelizado da Ásia é muito pobre por causa da injustiça e da opressão. Este livro é a história de um rico ocidental tentando entender o discipulado no contexto de tal injustiça, pobreza e corrupção — que coincide com o contexto social da maior parte das Escrituras.

Justiça, discipulado e missão. Se isso soa notavelmente como o tema central de Waldron Scott, não fique surpreso. Scott liderava o ministério dos Navegadores na área do Pacífico durante o começo de meu treinamento. Ele e Gene Tabor, que liderou os Navegadores nas Filipinas por muitos anos e é atualmente o diretor internacional do Ministério Lakas-Angkan, trabalharam juntos durante anos. Suas idéias têm sido o parâmetro que norteia meu ministério. Gene Tabor, Boni Arzadon e a equipe do Lakas-Angkan têm fornecido o estímulo para desenvolver muitas destas idéias — e inicialmente deram-me oportunidade e treinamento cultural para ser pioneiro neste serviço. Jun e Milleth Paragas têm sido amigos especiais; mantêm-se firmes em um ministério que exige um alto preço em termos de reputação, saúde e *status*. Deus honra tais homens e mulheres.

Outros influenciaram estas idéias: Andrew Murray e a “teologia de Keswick”¹ forneceram a base de minhas primeiras experiências com Deus; Warren Mason ensinou-me a mecânica do discipulado e do ministério; Gene e Mary Denler graciosamente trouxeram-me para a vida missionária; Chuck Huffstetler gastou horas de sua vida para me transformar em um fundador de igrejas; John Waterhouse reescreveu a maior parte do manuscrito, meus líderes na Igreja Batista Hillsborough, Bob e Prue Wakeline, Peter e Jenny Vos, todos me deram tempo e lugar tranqüilo para escrever. Obrigado a Sarah Furniss, que avaliou o manuscrito, e a Shirley Clarke por sua paciência em redatilográ-lo tantas vezes.

Embora seja verídica a história aqui narrada, alguns nomes, datas e lugares são fictícios para preservar a identidade das pessoas envolvidas.

1. Este termo veio em decorrência do Segundo Avivamento na Inglaterra e está relacionado às convenções realizadas anualmente na cidade de Keswick naquele país.

Chegue-se às pessoas
Viva entre elas
Aprenda com elas
Comece com o que elas sabem.
Edifique sobre o que elas têm
Mas, acerca dos melhores líderes,
Quando seu trabalho tiver
sido completado,
Dir-se-á entre o povo:
“Nós fizemos tudo sozinhos!”
— Poema chinês

1. Uma cidade de contrastes

A confirmação de um chamado

Parei em cima de uma poça de lama acumulada debaixo de um varal cheio de roupas. Dei uma olhadela rápida no rio poluído que rodeava as favelas de Tatalon. Por cerca de quinze minutos fiquei procurando, confuso, pela bomba d'água de acionamento manual, naquele labirinto de concreto e casebres de madeira compensada. Encontrei-a no final de uma fila de baldes vermelhos, verdes e azuis. Parei junto a um pequeno portão e me deparei com várias pessoas ali em volta, esperando sua vez enquanto aproveitavam o sol da manhã.

Duas meninas com roupas remendadas, cabelos negros brilhantes e bem penteados, estavam de cócoras, lavando roupas em grandes bacias de alumínio. Uma delas voltou o olhar para minha barba e pele clara.

— É Jesus! — ela exclamou em tagalo, a língua de Manila, tocando levemente a companheira ao lado.

— Não, é apenas meu amigo!

Também sorri. Hesitante, coloquei meu balde no final da fila. Por ser um estranho e branco, eles me levaram para a frente da fila, de acordo com o costume da hospitalidade filipina. Um dos homens gentilmente acionou para mim o

longo cabo da bomba. Aceitei a ajuda, embora ainda me sentisse um pouco inseguro.

— De onde o senhor é? — as meninas me perguntaram polidamente, ainda sorrindo.

— Estou morando no quarto de cima da casa de Aling Nena.

— Por que você quer morar lá?

Sorri e respondi:

— Há alguns anos atrás li algo que Jesus disse: “Bem-aventurados são os pobres”. Eu queria descobrir por que os pobres são abençoados.

Animado pelos acenos de cabeça e sorrisos de aprovação, continuei:

— Li também que Jesus veio para pregar o evangelho aos pobres. Eu quero pregar o evangelho aos pobres também.

Houve mais acenos de cabeça e sorrisos. Conversamos e fizemos algumas brincadeiras até que meu balde se encheu. Com água derramando nos pés, procurei novamente o caminho de volta para meu quarto alugado naquela favela. As crianças olhavam para mim timidamente. Subi os três lances de escada que levavam até o meu quarto. A água ia caindo do balde e escorrendo escada abaixo. Sentei-me no banco que a dona da casa tinha deixado e fiquei observando minha recém-descoberta comunidade.

Relembrei a noite passada.

O vendaval tinha vindo com fúria gigantesca. A chuva de granizo e o som do trovão estralando pareciam-me um último assalto demoníaco para me impedir de carregar meus poucos pertences para dentro da casa. Uma onda de febre surgira e nenhum amigo havia escapado dela ou queria enfrentar o tufão para me ajudar na mudança.

Devolvi o jipe e voltei ao meu novo lar utilizando o transporte público até onde foi possível e a pé o restante do

percurso. Naquela primeira noite como morador da favela de Tatalon sofri vertigens e me senti doente e fraco. Era como se todas as forças da opressão tivessem sido arremetidas contra mim, no meu empenho de viver no meio daqueles homens e mulheres que moravam na favela de Manila.

Há três semanas, eu havia escrito em meu diário esta oração: “Senhor, providencie para mim, antes de 3 de setembro, dois quartos na área da favela de Tatalon, com recursos para cozinhar e sistema de esgoto adequado. Os quartos precisam estar na parte de cima para que eu possa ter um lugar tranquilo para oração e estudo e com janelas que deixem entrar uma brisa fresca”.

Em 1º de setembro eu estava nesta casa falando com Aling Nena. (Aling significa “senhora idosa”. Talvez o equivalente em português seja “dona” seguido pelo primeiro nome da pessoa.) Ela estava sem graça por causa da pobreza dos quartos que estava oferecendo; e acabou oferecendo um outro também, o que sua sobrinha usava. A sobrinha iria mudar-se para a parte de baixo.

Como sempre, Deus havia respondido a oração: um quarto para mim, um quarto para os amigos e um pequeno espaço para a cozinha — bastante faraônico para o morador de uma favela.

Tendo recolocado as tábuas que serviam de porta e encontrado fósforo e vela, sentei-me e dei graças a Deus pelas três janelas que deixavam entrar a brisa e me davam uma boa vista dos outros lares. Eu também estava grato pela quietude ali em cima e pelo toque adicional do Criador: um pé de goiaba havia crescido ao lado da janela, no meio de toda aquela expansão sem árvores, cheia de compensado, papelão, sacos plásticos e pneus velhos, usados como peso sobre os rústicos telhados de zinco. De alguma forma, a árvore simbolizava a bondade de Deus no meio dos males da pobreza. As luzes

da janela representavam uma fonte de esperança no meio da escura opressão que é a pobreza do favelizado.

Após vinte anos estava “em casa”. Há muito tempo, eu havia visto claramente a direção que minha vida iria tomar. Com a intensidade de uma visão, enxerguei meu destino desdobrado diante de mim. Era um chamado direto do meu Criador: viver no meio desse povo das favelas para pregar o evangelho aos pobres.

Fora das trevas

Enquanto orava nas horas escuras daquela primeira noite em Tatalon, ponderei sobre os próximos passos. Silenciosamente perguntei a mim mesmo: “Como trazer toda uma cidade para a luz? Como resgatar três milhões de posseiros e favelados?”

Enquanto orava, uma bela criatura dourada e branca cruzou apressadamente alguns caibros enfumaçados do telhado de minha nova casa. Era um rato que parecia bem alimentado e esperto. Observei-o silenciosamente, intrigado e curioso. Meus pensamentos voltaram-se para dois pedaços de madeira usados há muitos séculos passados. A cruz de Cristo foi certamente feita da mesma madeira rústica deste barraco de favela. Deus estava falando profundamente ao meu espírito, de forma direta e pessoal: “Você os salvará carregando a minha cruz. Ela é um instrumento de morte. Você deve morrer para si mesmo, a fim de ser um servo deste povo. Pois a menos que o grão de trigo caia na terra e morra, ele não pode produzir fruto. Se morrer, produzirá fruto. Esta cruz ordena autoridade absoluta sobre todos os povos, toda a história, todas as culturas. Pregue a cruz! Nela está a salvação deste povo: da bebedeira e do desespero, de famílias separadas e da opressão, da pobreza e da desolação. Somente

nela há esperança. Lembre-se: é uma rude cruz. Não se volte para uma cruz de falso brilho. Tome a minha cruz e siga meus passos, pois eu também escolhi a pobreza.”

Na noite seguinte, minha nova amiguinha de sete anos apareceu, subindo timidamente a escada.

— Você quer se juntar a nós? Estamos rezando uma novena pelo marido de Aling Nena.

— O que é uma novena, Lisa?

— Estamos rezando para que seu espírito não retorne para casa e nos perturbe! Ele morreu há um ano.

(Mais tarde eu aprenderia que, mesmo depois dessa novena, iriam rezar a cada ano por sua alma, para deixá-los em paz e não lhes causar mais problemas.)

Fiquei inseguro sobre o que responder.

— Posso levar minha nova Bíblia em tagalo e ler?

Descemos a escada e paramos no umbral da porta. Uns quinze membros da família estavam ajoelhados em frente a um altar improvisado. Uma senhora de idade cantarolava para os santos e imagens que ali estavam colocados; entre eles, uma estátua da virgem Maria. Ela era uma cantora de novenas profissional. Os outros participavam cantando nos momentos apropriados. Havia algumas velas e outros amuletos simbólicos dispostos sobre a mesa.

Assentei-me em silêncio e ouvi, tentando entender. No final, perguntaram se eu tinha algo a dizer. Em um tagalo cheio de interrupções, li a história da ressurreição de Cristo em 1 Coríntios 15. Foi minha primeira pregação pública na nova língua. Ouviram com educação, obviamente satisfeitos pela minha presença. Uma família pobre e viciada em jogos teria dificuldades em convencer um padre a comparecer. Permaneci ali para um pequeno lanche de *pancít* (uma espécie de macarrão chinês), sanduíches e uma xícara de café, apreciando os sorrisos e a amizade. Esse foi o começo da transformação espiritual dessa família.

A rude cruz tinha chegado em Tatalon!

Aling Nena sentia-se muito honrada em ter um estrangeiro, e ainda mais um “homem de Deus” como hóspede em sua casa, apesar de não perceber a importância das palavras de Jesus:

Quem recebe vocês, recebe a mim... Quem recebe um profeta porque ele é profeta, receberá a recompensa de profeta... E se alguém der mesmo que seja apenas um copo de água fria a um desses pequeninos, porque ele é meu discípulo, eu lhe asseguro que não perderá a sua recompensa.

Mateus 10.40-42

Aling Nena havia sido uma das primeiras invasoras daquela favela. Ela já vivia às margens do rio havia vinte e cinco anos. Com o tempo, os primeiros moradores alugavam cômodos em seus lares para os novos invasores. Isto fornecia uma fonte razoável de dinheiro. Aqueles que viviam nos quartos superiores de uma casa geralmente os alugavam dos proprietários que viviam no andar de baixo.

Aling Nena era parte de um clã, uma extensa família de mais ou menos quarenta pessoas, que vivia em várias casas ali, ao redor. Ela era também a apostadora-chefe, que operava uma banca de jogo de cartas, sob meu quarto de dormir. Orei para que ela se convertesse! Na comunidade ela foi a primeira a crer. Através de Aling Nena, muitos jogadores ouviram sobre a cruz. Muitos de seus familiares vieram a crer.

Metro Manila

Seis anos antes, ao descer do avião, a umidade tropical batia em meu corpo como uma onda. Estava pela primeira vez em Manila. Depois de ter sido bem recebido pelos amigos, eles me levaram à nova morada. Percorremos 32 quilômetros por uma auto-estrada de oito pistas congestionadas de

carros, ônibus e caminhões. Gastamos duas horas para passar pelos bairros e cidades que circundam Manila, começando com Makati, o abastado centro bancário multinacional. O complexo metropolitano de Manila é formado por quatro cidades maiores e treze menores.

Senti o impacto do calor e do forte cheiro que chegava até nós quando atravessávamos o rio. O odor era insuportável. Passamos pelas ricas mansões de Makati. Por trás dos muros de tijolos, palmeiras ondulavam com a brisa. Havia construções de concreto ainda não terminadas, blocos de prédios de escritórios, cinemas e pequenos casebres velhos. Os motoristas dos ônibus corriam feito loucos e pareciam competir entre si. Os veículos soltavam tanta fumaça preta que em poucos segundos uma pessoa ficaria coberta de sujeira.

As casas diminuía de tamanho à medida que atravessávamos a cidade mais pobre de Caloocan e descíamos para uma rua secundária adentrando a pequena cidade de Valenzuela. Finalmente, chegamos a um dos bairros de classe média. Passamos por uma bonita mansão em estilo hispano-americano, atrás de uma cerca de postes de concreto e ferro.

Quatrocentos anos atrás, os espanhóis haviam conquistado esse arquipélago de 7 mil ilhas espalhadas no Mar do Sul da China, ao qual deram o nome do monarca regente, o Rei Filipe. Os povos malásios que ali moravam, espalhados pelas ilhas, falavam mais de cem dialetos diferentes. Mercadores árabes haviam convertido muitas comunidades isoladas (chamadas *barangays* ou *barrios*) ao Islamismo. Mas juntamente com a cruz espanhola veio a cruz do catolicismo. Muitos sacerdotes viveram suas vidas santa e heroicamente pelo evangelho. Outros foram líderes da exploração do povo.

Em 1898, os filipinos libertaram-se do jugo espanhol, mas em 1901 foram dominados pelos americanos. Além da educação, do sistema de saúde e de novos padrões de

exploração de livre-comércio, a presença americana abriu as portas para uma nova onda de missionários.

Os primeiros crentes filipinos foram apedrejados. Algumas vezes, Bíblias foram queimadas. Todavia, milhares aceitaram o evangelho, experimentando libertação da antiga influência do animismo e do catolicismo. Contudo, hoje, oitenta por cento da população permanece católico-animista. A cultura, e até mesmo as formas de linguagem, são profundamente influenciadas pela necessidade de apaziguar ou tirar proveito dos espíritos, dos santos, da virgem Maria, do próprio Deus e de todos aqueles que têm autoridade ou estão muito próximos dela.

Como outros centros urbanos na Ásia, Manila tem experimentado uma rápida transformação. O *barangay*, que era um ponto de comércio árabe e chinês, transformou-se no Forte Espanhol Santiago, e mais tarde foi o centro da batalha nipo-americana. Hoje, o centro original está envolvido pela correria e o alarido de mais de oito milhões de habitantes da metrópole de Manila; alguns gozando de riqueza em magníficas mansões, outros procurando por ela, enquanto ainda outros tentam prolongar a vida para vencer a perpétua fome que os impulsiona.

Uma das cidades, Quezon, é o centro da burocracia e do governo dos cinquenta milhões de filipinos, enquanto a própria Manila é um alvoroço de negociantes chineses, importação e exportação, camelôs e um milhão de estudantes, que chegam a dividir pequenos quartos em doze. A densidade demográfica do centro de Manila, hoje, é de mais de 58 mil pessoas por quilômetro quadrado. Milhares de *jeepneys* alegremente decorados (jipes da Segunda Guerra Mundial adaptados para transportar sete pessoas de cada lado da parte traseira) movimentam-se através das ruas principais, enchendo a cidade de fumaça e de música barulhenta.

Para favorecer o crescimento dessa megalópole quente e úmida, o solo é altamente produtivo e rico em minérios, atingindo uma extensão aproximada à área da Nova Zelândia. Arroz, milho, mandioca, banana e abacaxi crescem naturalmente. O país exporta óleo de coco, roupa, equipamento elétrico, minérios, frutas e vegetais, madeiramento para construções e açúcar. Mas as florestas estão sendo destruídas com muita rapidez, causando enchentes nas fazendas outrora férteis e produtivas. A agricultura também é assolada pelos tufões que atacam violentamente o país numa média de vinte ao ano. Os minérios também estão sendo rapidamente explorados pelas nações mais desenvolvidas

Rebeldes muçulmanos no sul e guerrilheiros marxistas (autodenominados Novo Exército do Povo), em número crescente em algumas províncias, representam uma constante ameaça às forças armadas das Filipinas.

O país, dominado por quatrocentas famílias ricas, tem um produto interno bruto de apenas 4.600 dólares por pessoa (compare com a Nova Zelândia, com 20.100 dólares, e os Estados Unidos, com 36.300).¹ Os pobres são muito pobres e os ricos são muitos ricos.

A expectativa de vida é de 66,4 anos para os homens e 69,4 para as mulheres.² Do total da população, quarenta e três por cento têm menos de quinze anos de idade.³ Desde a guerra, a população de Manila cresceu a uma proporção de cinco por cento ao ano — de 1,7 milhão em 1950 passou para 5 milhões em 1975, 10,9 milhões em 2000 e estima-se que em 2015 chegará a 14,8 milhões.

Manila também é uma sociedade altamente instruída, com mais de 1 milhão de estudantes em colégios e universidades. O país tem uma taxa global de alfabetização de oitenta e oito por cento. O treinamento prático e técnico está se desenvolvendo rapidamente para prover uma base de especialização para a industrialização.

Durante a década da lei marcial, nos anos setenta, foram realizados grandes projetos de infra-estrutura na grande Manila. Agora há auto-estradas de concreto, sistemas eficientes de esgoto e água, e telefones que geralmente funcionam. Há uma sensação de progresso e desenvolvimento.

Mas há áreas horrorosas na cidade, particularmente “o cinturão turístico”, com seus opulentos hotéis, prostíbulos, discotecas e toda a sensualidade e escravidão que acompanham a deterioração da beleza de uma nação — ironicamente, num país outrora conhecido pelo seu pudor. Os podres e fétidos rios estão cheios de efluentes gasosos, que emanam de milhares de fábricas desprovidas de qualquer controle de poluição. Contrastando com o horizonte de uma cidade moderna, há um cenário, nada inspirador, pintado por centenas de casebres construídos às pressas, feitos de caixas de papelão e de compensado, ocupando qualquer terreno vago e lugares públicos.

Contudo, nem mesmo o homem pode destruir toda a beleza de Deus. O dourado e o cor-de-rosa do pôr-do-sol da baía de Manila continuam maravilhosos. Os distantes subúrbios nas montanhas, a 36 quilômetros do centro da cidade, gozam das brisas refrescantes e da paisagem pontilhada de árvores e gramados.

Sobretudo, a alma filipina, com sua capacidade de adaptação única entre as nações da terra, sobrevive a todos os traumas da urbanização, mudanças para novos lugares, exploração e desemprego com uma alegria de viver e um otimismo romântico e poético. Até o mais pobre dos pobres sonha em ter um emprego mais sofisticado e em se mudar para um bairro de classe média, esperando que Deus, os amigos, a sorte, a virgem, os santos e os espíritos sejam favoráveis.

Urbanização

Entre os espectros da pobreza, poucos podem se igualar a interminável quantidade de favelas que se espalham nas crescentes megalópoles do Terceiro Mundo.

Desde a Revolução Industrial, quase toda cidade grande tem tido seu quinhão de invasores e moradores de favelas. No início do século 19, as nações européias começaram a superar este problema através da crescente exploração dos recursos do Terceiro Mundo, da criação do seguro desemprego, da emigração e da industrialização.

Mas o fenômeno pós-guerra nas megalópoles asiáticas, africanas e latino-americanas é um conflito aparentemente sem solução, devido à migração demasiadamente rápida de milhões de pessoas para as capitais, e à industrialização muito lenta, fornecendo poucos empregos. Os migrantes têm somente engrossado as fileiras dos subempregados e dos desempregados. O modo como os novos moradores da cidade têm se adaptado ao novo ambiente é através da criação de favelas permanentes, numa proporção que, agora, está fora do controle de qualquer corpo de administração ou planejamento.

ALGUMAS CIDADES DA ÁSIA

(População em milhões)⁴

Cidades	1980	2000	2010
Seul	8,3	9,9	9,9
Calcutá	9,	12,9	15,6
Mumbai	8,1	18,1	23,6
Manila	6	10,9	13,9
Jacarta	6	11	15,3
Nova Déli	5,6	11,7	15,1
Xangai	11,7	12,9	13,7
Karachi	5	11,8	16,6

Cidades	1980	2000	2010
Pequim	9	10,8	11,5
Tianjin	7,3	9,2	10
Bangcoc	4,7	7,3	9

O número de cidades asiáticas com uma população superior a 5 milhões irá subir de 64 em 1980 para 133 no ano 2020, e a soma de suas populações irá crescer de 185 milhões para 639 milhões.⁵ Na maioria dessas megalópoles, a população das favelas irá apresentar uma porcentagem cada vez maior, saltando de trinta por cento para setenta e cinco por cento em algumas cidades.

Por exemplo, quando o número de moradores de favela de Manila começou a crescer nos anos 60, perfazia um quarto da população. Aproximadamente sessenta por cento da população da cidade pode ser classificada como de baixa renda, e mais de 2,5 milhões de pessoas vivem em favelas ou áreas invadidas.

Peter Loyd escreve:

Os maiores índices de crescimento de favelas ocorrem nas capitais, preferidas pelas multinacionais por geralmente ficarem localizadas perto de algum porto, por serem a sede das principais lideranças políticas da cidade, pela facilidade de se obter assistência técnica e outros serviços e por ser onde se concentra a maior parte do comércio local. Os departamentos governamentais e os serviços sociais geralmente se localizam nas capitais. Assim, em vez de termos vários centros urbanos demograficamente distribuídos, vemos as capitais recebendo um porcentagem cada vez maior da população e se tornando desproporcionais a seus vizinhos mais próximos.⁶

A metrópole de Manila, por exemplo, é oito vezes maior do que a segunda maior cidade filipina, Davao.

Favelas da esperança

As características físicas e a cultura de cada comunidade (favela, ocupação, invasão) variam de acordo com a cidade. Contudo, o processo que as gera e os males resultantes são universais entre as maiores cidades dos países do Terceiro Mundo.

Há dois tipos de favelas assim gerados.⁷

Favelas internas — São os cortiços e casas decadentes que já foram boas residências de classe média e alta. São descritas geralmente como “favelas do desespero”, as quais acolhem aqueles que perderam a vontade de tentar e aqueles que não podem superar as dificuldades. Contudo, nessas favelas também vivem migrantes recém-chegados, que vieram para ficar próximos das oportunidades de emprego, e estudantes que em suas centenas de milhares, procuram a escalada acadêmica.

Em atmosfera de desespero e deterioração degradantes, as forças sociais e as expectativas de vida operam contra a aceitação do evangelho. Assim, parece mais estratégico voltar-se para o segundo tipo de favela, onde as pressões sociais e as expectativas de vida criam um alto grau de receptividade ao evangelho.

Favelas de periferia — Essas comunidades espontâneas, construídas em volta de cidades compactas, tendem a ser “favelas da esperança”, nas quais os ocupantes estabelecidos por um período mais longo, têm emprego e estão agora procurando construir suas casas próprias. Contudo, nessas favelas também há pessoas e grupos em desespero.

A favela de Tatalon, em Manila, é um exemplo de uma das muitas favelas que surgiram desde a Segunda Guerra Mundial. Ela está na metade do caminho entre as cidades de Manila e Quezon, duas cidades que são parte da grande metrópole de Manila.

A não ser pelas controvérsias relacionadas às apropriações de terra, o crescimento da população carente em Tatalon mal foi notado.

Apesar da ausência total de recursos e serviços, um grande número de migrantes das províncias chega até as áreas da metrópole de Manila, encontrando nas terras desocupadas de Tatalon “*lugares ideais*” para estabelecerem bases na grande cidade.

A família média em Tatalon é formada de 12,3 pessoas. Em apenas seis quarteirões, moram 14.500 pessoas — uma densidade demográfica de 57.500 pessoas por quilômetro quadrado. As famílias estabeleceram-se primeiramente ao lado do rio. Por causa de enchentes constantes, muitos foram se deslocando para lugares mais altos.

Tatalon é, contudo, uma das áreas invadidas mais afortunadas. O governo, nos últimos anos, estabeleceu um programa de loteamento e de serviços, melhorando gradualmente a área. Construiu ruas, alguns banheiros e poços de água. Fez um levantamento da área e ofereceu aos moradores mais antigos a oportunidade de comprarem o pequeno lote onde vivem a um custo entre 70 e 120 pesos por mês, por um período de vinte e cinco anos. Este programa foi desenvolvido como resposta às necessidades do povo nos últimos anos.

Tatalon é um lugar de esperança, uma favela onde se pode sonhar e aspirar por uma comunidade que está começando (com muita ajuda) a obter, através de décadas de sofrimento, uma pequena segurança econômica. Houve bastante progresso na obtenção de terra e de água; o número de indivíduos da comunidade que conseguem emprego é suficiente para estimular outros a prosseguirem. Neste contexto o evangelho encontra aceitação, como se fosse mais uma mudança social entre todas as mudanças que os moradores estão experimentando, e pode até alastrar-se como fogo em palha.

Obreiros vigorosos

Quando observamos essas pessoas vivendo em carência e miséria, esperando na ante-sala do desespero um futuro de segurança econômica, lembramo-nos do Mestre:

Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor.
Mateus 9.36

Não devemos nós orar para que Aquele que “veio para pregar o evangelho aos pobres” envie obreiros para colher esta ceifa já mais do que madura?

O método de Deus são as pessoas! Será que não ouvimos o chamado daquela rude cruz, para servirmos como obreiros cujo prazer seja o trabalho, o sacrifício e o sofrimento, cujas almas estejam cheias de compaixão e cujo estilo de vida seja o de simplicidade e pobreza?

Nesses próximos anos sempre haverá crescente fluxo de pessoas, dando uma nova ênfase a essas selvas sujas de compensado. Necessitamos de grupos de pessoas que, com o fogo da mensagem do reino de Cristo, escolham um estilo de vida simples para proclamar o reino aos paupérrimos entre os pobres. Esses grupos podem incluir pessoas de diferentes níveis de vida e de diferentes estados civis, mas, principalmente, homens e mulheres que deliberadamente optem pela vida de solteiro por algum tempo, ou casais sem filhos ou cujos filhos já tenham sido emancipados. Juntos, irão formar “células” ou “comunidades” de seis a dez obreiros para irem a cada uma destas grandes cidades asiáticas.

O treinamento dessas equipes precisa acontecer no país que as está enviando. Depois da chegada na cidade hospedeira, é necessário haver um ano completo de estudos da língua e orientação contínua. Durante esse tempo, as equipes serão divididas, indo de dois em dois para diferentes áreas das

favelas. Eles, então, poderão se reunir um dia por semana para descanso, apoio mútuo, treinamento e celebração da Ceia do Senhor; em um lugar para retiros, liderados por um casal maduro e mais velho, com supervisão pastoral e administrativa oferecida pela “comunidade”.

Precisamos de homens e mulheres desejosos de se comprometerem com esta tarefa, inicialmente por seis meses — sendo esse tempo suficiente para estabelecer uma primeira igreja — mas com a *intenção* de permanecerem de quinze a vinte anos na comunidade urbana, a fim de estabelecer um movimento de discipulado.

Não é irracional um jovem crer que Deus pode fazer sua vida produzir frutos durante estes quinze ou vinte anos. Aca-so seria muito pedir a Deus 1.500 novos cristãos — ou 3 mil, ou 15 mil? Tal obra seria digna de uma vida inteira. Há muitos que viram Deus fazer isso em outras regiões.

Em 1898, Hudson Taylor, tendo em mente as grandes necessidades do interior da China, publicou um apelo dirigido a “vinte rapazes hábeis, zelosos e sadios, desejosos de consagrar cinco anos de suas vidas ao trabalho itinerante, sem pensar em casamento ou em se estabelecer até que o trabalho especial fosse concluído”. Precisamos de uma geração similar de cristãos para o “nosso” campo missionário de hoje nas metrópoles asiáticas.

Se este é um alvo realista para pessoas jovens, será que não pudemos esperar mais de casais mais velhos? Cabelos grisalhos inspiram mais respeito nas sociedades asiáticas. Casais de meia-idade, cujos filhos já sejam independentes, podem causar um grande impacto. Para estes a adaptação física, emocional e cultural é muito mais pesada, mas isto pode ser compensado pela maturidade, aceitação na comunidade e habilidades adquiridas através dos anos.

Pode ser que casais mais jovens necessitem adiar a época de terem filhos até que tenham tido tempo para se estabelecer nestas comunidades carentes e de saber como conviver com a pobreza, a embriaguez, a comida, o clima e o ódio, e como educar filhos em tal ambiente.

A tarefa que nos aguarda

A comissão de Jesus nos ordena “discipular as nações”. Este é o mandamento: colocar essas comunidades de favelas debaixo da autoridade do reino de Deus.

Nossa metodologia é a de pregar as boas novas de Jesus, ensinando a totalidade do conselho de Deus e estabelecendo discípulos, formando comunidades de adoração, economicamente estáveis.

Confiemos que Deus irá providenciar os convertidos, discípulos e líderes. Necessitamos de igrejas adequadamente instruídas, de discipulado na favela, e de treinamento vocacional estrategicamente aplicado por uma liderança eficaz. Assim, o evangelho será livre para transformar a vida econômica, social e política dessas áreas favelizadas.

A transformação econômica deve ser uma preocupação pastoral imediata. A compaixão exige que nós não somente oremos pelos pobres, mas também que nos entreguemos a eles. A evangelização não pode ser feita à parte da compaixão. Contudo, apenas programas econômicos não parecem estender o reino quando usados como base para a evangelização. Por outro lado, o processo de discipulado envolve o trabalho de cuidar do ambiente de uma pessoa tanto quanto de sua personalidade. É insuficiente salvar as almas das pessoas quando o ambiente as força a voltar para a escravidão espiritual.

Um ponto crítico é a falta de conhecimento técnico dentro das favelas. Precisamos de comerciantes habilitados,

carpinteiros, mecânicos, torneiros, especialistas em eletrônica e pessoas com conhecimento de administração para estabelecer pequenas escolas de treinamento. Necessitamos motivar as igrejas e organizações de apoio a fornecerem equipamentos para tal obra. Assim como escolhemos estilos de vida de simples, devemos ser bons administradores da riqueza de nossos amigos que nos sustentam, canalizando-a sabiamente para melhor bem-estar dos irmãos pobres.

É insuficiente desenvolver projetos econômicos enquanto se ignoram questões como opressão, exploração e injustiça. Nosso dever é fazer justiça (Mq 6.8), defender os direitos do pobre e do necessitado (Pv 31.8-9) e interceder (Is 59.15-16). Moradia é um problema de tal importância que requer a proclamação do evangelho aos oficiais do governo e o ensino das bases bíblicas para o desenvolvimento comunitário, planejamento urbano e honestidade nos lotes de construção.

Para mantermos um compromisso com a retidão e a justiça sociais, no contexto de opressão legalizada e exploração, pode ser que tenhamos, às vezes, de estar aliados a algum grupo político. Mas tal comprometimento será basicamente pastoral. Em última instância, não temos ideologia política exceto a da justiça e a da retidão do reino de Deus; uma postura que, na prática, não é apolítica. Esse tipo de cuidado pastoral responsável e politicamente consciente, pode ser pouco popular na igreja evangélica, tendo em vista sua fobia pelo marxismo e/ou humanismo secular. Também será perigoso para alguns de nós que estão trabalhando nas favelas, particularmente sob regimes de direita ou marxistas. Sabedoria e prudência são sempre necessárias, mas a omissão das complexidades da vida não é uma opção aberta a “servos sofredores”.

Aqueles que escolhem a simplicidade para alcançar o pobre precisam continuar a dar prioridade à proclamação do

evangelho do reino e ao ensino das Escrituras, ao invés de se trancarem nos programas socioeconômicos por eles gerados.

Especialistas designados para trabalhar por um pequeno período de tempo podem ser de grande ajuda em tais projetos; porém, jovens idealistas sem nenhuma especialidade, são de pouca utilidade.

Tais ministérios admitirão também um alto índice de milagres, pois onde existe a cruz, existe poder.

Por trás de tudo isto está a necessidade de homens e mulheres na retaguarda domiciliar, comprometidos com um estilo de vida simples, com a evangelização e com o pobre e necessitado, transformando-se, assim, em comunidades de base para o envio e a recepção desses homens e mulheres.

Em cada equipe, os dons necessários são ínfimos: um desenhista de história em quadrinhos, um apóstolo-evangelista, um apóstolo-pastor líder de equipe, um administrador, um poeta-comunicador, um especialista em implantação de indústrias de pequeno porte etc. Mas, acima de tudo, homens e mulheres com a direção, o zelo e o treinamento na prática de estabelecer o reino de Deus — que possam pregar e discipular, consolidar pequenos grupos de estudos bíblicos e estabelecer multidões de crentes, formando movimentos de discípulos. Homens e mulheres com a eternidade em seus corações, as promessas de Deus em suas almas e o fogo da santidade em seus espíritos. Homens e mulheres da rude cruz.

O apóstolo Pedro foi um homem assim. Caminhava usando as sandálias de um homem pobre (At 12.8) e não tinha ouro para o mendigo no templo (At 3.6).

Da mesma forma, o apóstolo Paulo suportou apedrejamentos, surras e naufrágios, vivendo “como pobre, contudo fazendo muitos ricos”, no desejo de alcançar as cidades de seu tempo.

A história fala de Toríbio do México, que, descalço, atravessou seu país. Os mexicanos o chamavam de “o pobre”, porque era, evidentemente, mais pobre do que eles. Aprendeu a língua asteca rapidamente e pregou fluentemente naquele idioma. Os índios o amavam como a um pai e consideravam-no quase como uma divindade asteca por causa de seu total comprometimento e absoluta pobreza. Percorreu 64 mil quilômetros a pé. Quando morreu, não possuía nada que fosse seu.

Acima de tudo, precisamos lembrar do Mestre, que nos chama para seguirmos as pegadas de suas sandálias. Aquele que escolheu a pobreza no nascimento, na vida e, finalmente, com sangue gotejando de sua fronte coroada de espinhos, escolheu a pobreza na cruz de um criminoso.

Quem irá? Quem irá tomar a cruz e segui-lo? Quem dará quinze ou vinte anos de sua vida para os paupérrimos das favelas da Ásia? Quem irá viver no meio deles, amá-los e mostrar-lhes o seu Rei? É pedir demais quando o pedido vem do Senhor que deu tudo de si?